



(IN)VISIBILIDADES DA POPULAÇÃO NEGRA NO JORNAL CURITIBINHA ESCOLAR

(In)visibilities of black people in the *Jornal Curitibinha Escolar*

(In)visibilidades de la población negra en el *Jornal Curitibinha Escolar*

Laercio Carlos Ribeiro dos Santos¹

Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ, São João del-Rei – MG, Brasil

RESUMO

Este artigo analisa criticamente a representação visual de Zumbi dos Palmares e pessoas negras no *Jornal Curitibinha Escolar* (1994-2000), com foco em uma tirinha específica, sob a perspectiva de teóricos como Foucault, Hall, Hooks, Panofsky e Rose. A análise iconográfica e discursiva revela como essas representações, embora aparentemente inofensivas, perpetuam estereótipos raciais, despolitizam a resistência negra e reforçam narrativas históricas alinhadas a uma lógica colonialista. A figura de Zumbi, um símbolo de luta e emancipação, é retratada de forma caricatural e desprovida de seu papel revolucionário, limitando sua significância a uma celebração cultural apolítica. Utilizando a metodologia iconográfica de Panofsky e as reflexões sobre poder e discurso de Foucault, o estudo identifica os mecanismos visuais e narrativos que mantêm as hierarquias raciais no imaginário escolar. A análise demonstra que, ao infantilizar e folclorizar a cultura afro-brasileira, esses materiais reproduzem dinâmicas de apagamento e marginalização, prejudicando uma compreensão crítica da história e das contribuições negras. A pesquisa conclui que é urgente revisar as representações visuais nos materiais educacionais para promover uma iconografia decolonial que valorize a complexidade e a resistência das populações afro-brasileiras. O estudo enfatiza a necessidade de um esforço coletivo para integrar narrativas críticas e inclusivas na educação, combatendo o racismo estrutural e simbólico desde as primeiras fases do aprendizado.

Palavras-chave: Zumbi dos Palmares; Representação Racial; Materiais Didáticos; Iconografia Decolonial; Racismo Estrutural.

ABSTRACT

This article critically analyzes the visual representation of Zumbi dos Palmares and Black people in the *Jornal Curitibinha Escolar* (1994-2000), focusing on a comic strip, through the lens of theorists such as Foucault, Hall, Hooks, Panofsky, and Rose. The iconographic and discursive analysis reveals how these representations, though seemingly harmless, perpetuate racial stereotypes, depoliticize Black resistance, and reinforce historical narratives aligned with a colonialist logic. The figure of Zumbi, a symbol of struggle and emancipation, is depicted in a caricatured manner, stripped of his revolutionary role, and reduced to an apolitical cultural celebration. By employing Panofsky's iconographic methodology and Foucault's reflections on power and discourse, the study identifies visual and narrative mechanisms that sustain racial hierarchies in the educational imaginary. The analysis demonstrates that, by infantilizing and folklorizing Afro-Brazilian culture, these materials reproduce dynamics of erasure and marginalization, hindering a critical understanding of history and Black contributions. The research concludes that there is an urgent need to revise visual representations in educational materials to promote a decolonial iconography that values the complexity and resistance of Afro-Brazilian populations. The study underscores the need for a

¹ Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ), doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP). Técnico em Artes Gráficas, Professor Conteudista I UAB CAPES da da Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-3539-9029>. E-mail: laercio@ufsj.edu.br

collective effort to integrate critical and inclusive narratives into education, combating structural and symbolic racism from the earliest stages of learning.

Keywords: Zumbi dos Palmares; Racial Representation; Educational Materials; Decolonial Iconography; Structural Racism.

RESUMEN

Este artículo analiza críticamente la representación visual de Zumbi dos Palmares y de las personas negras en el *Jornal Curitibinha Escolar* (1994-2000), centrándose en una tira cómica, desde la perspectiva de teóricos como Foucault, Hall, Hooks, Panofsky y Rose. El análisis iconográfico y discursivo revela cómo estas representaciones, aunque aparentemente inofensivas, perpetúan estereotipos raciales, despolitizan la resistencia negra y refuerzan narrativas históricas alineadas con una lógica colonialista. La figura de Zumbi, símbolo de lucha y emancipación, es retratada de manera caricaturesca, despojada de su papel revolucionario y reducida a una celebración cultural apolítica. A través de la metodología iconográfica de Panofsky y las reflexiones de Foucault sobre el poder y el discurso, el estudio identifica los mecanismos visuales y narrativos que mantienen las jerarquías raciales en el imaginario escolar. El análisis demuestra que, al infantilizar y folclorizar la cultura afrobrasileña, estos materiales reproducen dinámicas de invisibilización y marginación, obstaculizando una comprensión crítica de la historia y las contribuciones negras. La investigación concluye que es urgente revisar las representaciones visuales en los materiales educativos para promover una iconografía decolonial que valore la complejidad y la resistencia de las poblaciones afrobrasileñas. El estudio subraya la necesidad de un esfuerzo colectivo para integrar narrativas críticas e inclusivas en la educación, combatiendo el racismo estructural y simbólico desde las primeras etapas del aprendizaje.

Palabras clave: Zumbi dos Palmares; Representación Racial; Materiales Educativos; Iconografía Decolonial; Racismo Estructural.

INTRODUÇÃO

Os materiais didáticos impressos são considerados uma ferramenta importante no ensino formal, funcionando como um mediador das práticas educacionais entre os professores, os estudantes e o conhecimento. Diversos estudos demonstram sua importância para o desenvolvimento escolar, especialmente para alunos de escolas públicas, que frequentemente dependem do material como principal suporte pedagógico (Carmagnani, 1999; Souza, 1999; Fracalanza; Megid Neto, 2006). Para muitos educadores, eles deixaram de ser simples recursos auxiliares e passaram a ser elementos quase determinantes na prática pedagógica cotidiana. O cenário é ainda mais evidente em escolas públicas, onde grande parte dos alunos, provenientes de famílias de baixa renda, recebem os livros didáticos gratuitamente como parte de políticas públicas promovidas pelo Estado (Fracalanza; Megid Neto, 2006).

É consenso, tanto entre educadores quanto entre pesquisadores da área, que o livro didático deve ser analisado não apenas em termos de seu uso cotidiano, mas também a partir de suas dimensões históricas, de produção, configuração e distribuição. Moraes (2010) salienta que, devido à sua presença constante e prolongada na educação formal, o livro didático merece atenção crítica tanto em abordagens pragmáticas quanto em perspectivas históricas mais amplas. Isso inclui desde o estudo de suas funções no cotidiano escolar até as ideologias que permeiam sua produção e difusão ao longo do tempo.

Nos últimos anos, o aumento no interesse acadêmico pelo estudo dos livros didáticos tem gerado uma crescente produção de pesquisas no Brasil. Contudo, grande parte desses estudos ainda se concentra em aspectos específicos, como o uso pedagógico, as práticas escolares e o conteúdo disciplinar. Ao mesmo

tempo, pesquisas que investiguem a materialidade e visualidade, ou que explorem suas relações com questões identitárias e culturais, ainda são incipientes. Nesse sentido, Choppin (2004) observa que a pesquisa sobre livros didáticos enfrenta diversas limitações, sendo uma área de estudo relativamente recente e carente de material acadêmico consolidado.

O interesse pelo estudo do livro didático só começou a crescer nos últimos trinta anos, depois de um longo período de negligência por parte de historiadores e bibliógrafos (Choppin, 2004). Desde então, o campo da história dos livros didáticos e das edições escolares têm se expandido, especialmente em países onde a função da educação formal e do material didático é central para a formação de identidades nacionais. Ainda assim, as sínteses acadêmicas que abrangem o tema são raras e, em sua maioria, focadas em análises de conteúdo ou em abordagens históricas e teóricas limitadas a certos períodos ou disciplinas.

Choppin (2004) também ressalta que, conquanto a pesquisa sobre livros didáticos tenha se ampliado, ainda é perceptível carência de estudos que explorem sua materialidade e os aspectos visuais envolvidos na sua produção. A visualidade dos livros didáticos é uma dimensão frequentemente subestimada, mas que desempenha um papel crucial na construção de identidades e na formação de valores culturais. Estudos que abordem a representação de grupos sociais, como a população negra, em materiais didáticos, são especialmente importantes para entender como esses grupos têm sido retratados no contexto educacional.

As pesquisas de Nakamoto (2010) identificam três principais focos nos estudos sobre livros didáticos: (i) os que lidam com aspectos linguísticos, semiológicos, psicológicos e pedagógicos; (ii) aqueles que investigam os valores, preconceitos e concepções ideológicas presentes nos materiais; e (iii) os estudos sobre o uso do livro didático por professores em sala de aula. Embora todas essas abordagens sejam relevantes, há uma clara necessidade de expandir o escopo das pesquisas para incluir também análises da materialidade e visualidade dos livros, especialmente no que diz respeito às representações de grupos étnicos e raciais.

Além disso, Moraes (2010) aponta que a maioria das pesquisas sobre livros didáticos se concentra na análise de conteúdo, examinando como as obras refletem a sociedade em determinados momentos históricos e como os autores e os métodos de ensino evoluíram ao longo do tempo. Outra vertente dessas pesquisas analisa o uso do livro didático como instrumento de poder estatal em regimes ditatoriais ou ocupações estrangeiras, além de investigar a influência de obras estrangeiras no contexto educacional local. Esse tipo de investigação é particularmente relevante para entender como o livro didático tem sido utilizado ao longo da história para moldar a visão de mundo dos alunos e consolidar identidades nacionais.

A representação da população negra no material didático deve ser um tema central nas discussões sobre racismo estrutural e educação no Brasil. O país, que tem a maior população de afrodescendentes fora da África, carrega um passado colonial marcado pela escravidão, cujo legado ainda se reflete nas estruturas sociais, culturais e educacionais. Os materiais didáticos, que são uma das principais ferramentas pedagógicas no processo de ensino-aprendizagem, desempenham um papel fundamental na formação de

identidades, na transmissão de valores e na construção de representações sociais. No entanto, esses mesmos materiais frequentemente contribuem para a perpetuação de estereótipos raciais e a invisibilização das contribuições africanas e afro-brasileiras para a história e a cultura do país.

Os materiais didáticos, muitas vezes considerados neutros e objetivos, trazem implícitos discursos e ideologias que refletem as relações de poder e as visões de mundo predominantes na sociedade. A análise crítica desses materiais revela que, ao longo da história do Brasil, as representações da população e da África foram frequentemente marcadas por visões estereotipadas, incompletas ou mesmo ausentes. Em vez de promover uma visão plural e inclusiva da história e da cultura afro-brasileira, os materiais didáticos têm, em muitos casos, reproduzido narrativas que reforçam o racismo e a exclusão social.

A invisibilidade das contribuições africanas e afro-brasileiras é um aspecto central nesse debate. Ao omitir ou minimizar a presença e a importância de figuras históricas negras e eventos significativos relacionados à África e à diáspora africana, os materiais didáticos contribuem para a manutenção de um imaginário coletivo em que os negros são vistos como sujeitos passivos, subjugados pela história, em vez de protagonistas de suas próprias trajetórias. Essa invisibilidade se manifesta tanto na escassez de conteúdos dedicados à história e à cultura afro-brasileira quanto na forma como os poucos temas relacionados são abordados, geralmente restringidos à escravidão e à marginalização, sem destacar as resistências, as realizações e as contribuições da população negra para a formação da sociedade brasileira.

Ademais, a representação da África nos livros didáticos brasileiros também tem sido objeto de críticas. O continente africano é, reiteradamente, retratado de maneira homogênea e reducionista, como um lugar de atraso, pobreza e violência, ignorando sua diversidade cultural, histórica e geográfica. Essa abordagem simplista não apenas distorce a realidade africana, como também reforça estereótipos negativos sobre o continente e seus descendentes. Mudimbe (2023) revela como o imaginário ocidental construiu uma imagem do continente que serviu aos interesses coloniais e que ainda persiste nas narrativas contemporâneas, inclusive nos materiais educacionais.

Destarte, este estudo busca contribuir para essa área de pesquisa ao analisar o *Jornal Curitibinha Escolar*, que foi um impresso distribuído nas escolas de Curitiba entre os anos de 1994-2000. O objetivo é investigar como a população negra foi representada nesse material e de que forma se relaciona com a formação da identidade cultural paranaense.

A INVENÇÃO E A IDEIA DE ÁFRICA NOS MATERIAIS DIDÁTICOS

A representação da população negra no material didático é um campo de estudo que demanda uma análise de como identidades e culturas são apresentadas e moldadas no contexto educacional. A construção de representações, especialmente em sociedades com um passado colonial e escravocrata, tem consequências profundas na forma como grupos raciais são percebidos e como suas histórias são contadas.

Lima (2018) estudou como a imagem da África tem sido construída e reproduzida ao longo do tempo no Brasil. Ele aponta que as representações do continente africano nos contextos culturais e

educacionais brasileiros ainda são fortemente influenciadas por legados coloniais, que perpetuam visões simplistas e estereotipadas da África. A partir da análise do autor, é possível entender como os materiais didáticos, muitas vezes, reforçam essas visões limitadas, oferecendo aos estudantes uma percepção enviesada da diversidade cultural e histórica africana.

Segundo Lima (2018), as representações da África no Brasil se inserem em um processo de exotização e simplificação, que coloca o continente africano em um lugar de alteridade radical. A representação da África no Brasil foi moldada por uma tradição colonial que ainda persiste na cultura e na educação. Esse processo se reflete nos materiais didáticos, que geralmente retratam a África como um todo homogêneo, ignorando as diversas sociedades e culturas que compõem o continente. Para os estudantes, especialmente aqueles de origem africana, essa homogeneização contribui para uma visão distorcida de suas próprias identidades, o que pode impactar negativamente na autoestima e percepção de pertencimento.

Além disso, Lima (2018) argumenta que as novas interpretações da África, ainda que presentes, são raramente exploradas em profundidade nos materiais educacionais. Em muitos casos, o continente africano é mencionado apenas em relação ao passado escravocrata ou como um lugar marcado pela pobreza e pelo subdesenvolvimento. Essas representações negativas reforçam preconceitos e estereótipos que continuam a marginalizar as culturas africanas e afro-brasileiras no imaginário coletivo.

Mudimbe (2019, 2023) defende que o continente africano foi “inventado” no imaginário ocidental e argumenta que o conceito de África, tal como compreendido no Ocidente, é mais uma construção do que uma representação acurada da realidade. Segundo o autor, essa construção é baseada em um discurso colonial que retrata a África como um lugar primitivo, sem história e sem capacidade de agência própria, um continente que precisa ser “civilizado” pelos poderes coloniais.

A ideia de África, conforme proposta por Mudimbe, é uma consequência direta dos processos de colonização e missionarização, que não apenas subjugarão povos e territórios, mas também criaram uma imagem da África que servia aos interesses coloniais. A ideia de África é mais um produto da imaginação ocidental do que da realidade histórica, o que reforça estereótipos e limita a compreensão da diversidade cultural africana (Mudimbe, 2023). No contexto educacional brasileiro, essa invenção da África ainda permeia os materiais didáticos, que frequentemente representam o continente sob uma óptica estereotipada, ignorando sua complexidade.

Mudimbe (2023) explana que a continuidade desses estereótipos nos discursos educacionais contribui para a perpetuação de um imaginário coletivo que reforça a inferioridade das populações negras. Nos materiais didáticos, essa “invenção” da África se traduz na ausência de figuras africanas heroicas ou inovadoras, no apagamento das contribuições culturais e históricas dos povos africanos e na prevalência de imagens de dependência e sofrimento. O autor também observa que essa ausência não é acidental; ela é o reflexo de uma ideologia que busca justificar a exploração e subjugação das populações negras tanto no passado quanto no presente.

Resende (2022) fornece uma análise sobre como a identidade africana tem sido historicamente negada no Brasil e os esforços da União Africana para reconstituir uma narrativa a partir do próprio continente. A negação da identidade africana no Brasil está diretamente ligada ao processo de colonização e à escravidão, que desumanizou os africanos e apagou suas contribuições para a formação da sociedade brasileira.

A negação da identidade africana também se reflete nos materiais didáticos, nos quais a presença de personagens ou eventos africanos é limitada e, quase sempre, associada a aspectos negativos, como a escravidão ou o subdesenvolvimento. Essa representação distorcida impacta diretamente a autoimagem dos alunos negros, que não se veem refletidos de maneira positiva nas narrativas escolares.

Trabalhos como os de Ribeiro, Nascimento e Batista (2023); Cunha, Silva, Matos, Silva e Corrêa (2020); Macena (2017); Andrade e Coutinho (2020); Silva e Santos (2023); Marques e Fonseca (2021); Mendes e Pereira (2021), têm pesquisado a representação da população negra nos materiais didáticos, a partir da Lei n.º 10.639/2003, e apontam progressos na representação e na visibilidade de pessoas negras nesses materiais, mas sinalizam que há muito ainda a ser feito para melhorar a qualidade da inserção de figuras negras nos livros didáticos. No entanto, também é importante também se conhecer como os negros eram representados nos materiais didáticos anteriores à referida lei para se conhecer como essa imagem tem sido historicamente construída no ambiente escolar.

DELINEAMENTO METODOLÓGICO

A pesquisa tem como objeto de estudo o *Jornal Curitibinha Escolar*, que foi publicado e distribuído nas escolas curitibanas no período de 1994-2000. O jornal, em formato tabloide, teve periodicidade mensal, tiragem inicial de 100 mil exemplares, com a última edição alcançando a marca de 110 mil impressos. Ao longo de sua existência, a tiragem final foi de 5,96 milhões de exemplares. Isso demonstra a ampla circulação no ambiente escolar da cidade ao longo de seis anos.

A pesquisa se baseia em uma revisão da literatura sobre o tema, examinando estudos que analisam criticamente os discursos presentes nos livros didáticos e seus impactos nas relações raciais no ambiente escolar. A partir dessa análise, buscamos identificar as principais lacunas e limitações nas representações da época, bem como discutir as possibilidades de transformação desses discursos para promover uma educação mais inclusiva e antirracista.

A abordagem teórica deste trabalho foi embasada em estudos pós-coloniais e da crítica racial, que fornecem um arcabouço conceitual para entender como os discursos sobre raça e identidade são construídos e mantidos no campo educacional. Desse modo, buscam-se perspectivas sobre como a colonialidade do poder e do saber moldou as representações raciais na cidade e como essas representações podem ser desconstruídas no contexto educacional.

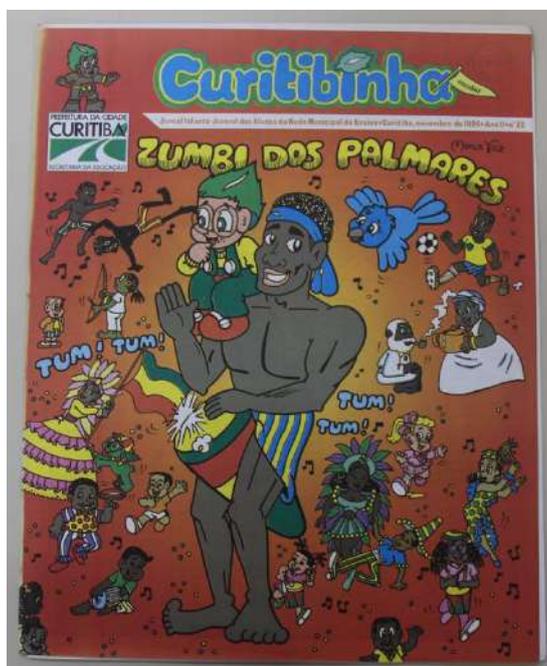
Para análise iconográfica, adota-se abordagem teórica e metodológica fundamentada no conceito de Cultura Visual proposto por Stuart Hall, com o objetivo de analisar a representação da população negra.

O referido autor é imprescindível para compreender como imagens, textos e símbolos visuais não são apenas produtos neutros, mas sim constituem discursos que refletem e moldam relações de poder, identidade e ideologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A representação de identidades raciais nos materiais didáticos é uma questão fundamental para a compreensão das dinâmicas de poder e perpetuação de estereótipos raciais na sociedade. A edição do jornal infantojuvenil *Curitibinha*, publicado em novembro de 1996, com o tema “Zumbi dos Palmares”, Figura 1, é a única edição que tem como tema a população negra, ainda que o jornal tenha sido publicado entre os anos 1994 e 2000. Isso denota uma omissão em relação à temática por parte das gestões responsáveis pela educação na época.

Figura 1 – Capa do Jornal *Curitibinha* Escolar “Zumbi dos Palmares”



Fonte: Jornal *Curitibinha* Escolar, novembro de 1996.

Foucault (2009) argumenta que o poder não é exercido apenas por meio de instituições formais, mas também mediante práticas discursivas cotidianas. A produção de materiais didáticos, como o Jornal *Curitibinha*, deve ser entendida na perspectiva foucaultiana, na qual as representações visuais funcionam como dispositivos de poder que moldam as formas de ver e entender o mundo. Na capa em questão, observamos uma representação caricatural de figuras negras, com corpos exageradamente musculosos, traços infantis e posturas festivas, remetendo ao estereótipo do “corpo negro exuberante” e naturalizando uma visão limitada da cultura afro-brasileira. O poder é exercido aqui por intermédio da imagem, que, ao

infantilizar e distorcer figuras como Zumbi dos Palmares, delimita o lugar do corpo negro na narrativa histórica, reduzindo-o a uma performance festiva e despolitizada.

Essa distorção histórica e cultural é ainda mais evidente quando analisada sob a óptica das identidades de Hall (2023). O autor afirma que as identidades são construídas e negociadas conforme sistemas culturais que, muitas vezes, reduzem grupos sociais e apagam sua complexidade interna. Na capa do jornal, a figura de Zumbi, um líder da resistência negra no Brasil colonial, é descontextualizada e inserida em um cenário lúdico, festivo e multicolorido, o que despolitiza sua imagem e reduz sua relevância histórica. Essa apropriação da figura de Zumbi exemplifica o que Hall chama de “fetichização” da identidade negra, ou seja, quando aspectos culturais são destacados enquanto as lutas e resistências históricas são ignoradas ou minimizadas ou, inclusive, apagadas.

A crítica de Hooks (2019) sobre as representações raciais na mídia também contribui para essa análise. A autora discute como as representações da população negra na cultura popular reiteradamente reforçam estereótipos que desumanizam e desvalorizam a complexidade das identidades negras. Na capa analisada, é relegada aos personagens negros a ênfase em sua associação com a festa e o entretenimento, remetendo àquilo que Hooks critica como uma forma de “domesticação” das identidades negras. As figuras, em vez de serem representadas em toda sua complexidade como integrantes da sociedade brasileira, são retratadas de forma caricata, com músculos exagerados e um sorriso largo, associadas ao futebol e ao carnaval, transformando-os em personagens cômicos. Esse tratamento visual, como argumenta a autora, não é inocente, pois participa de um processo mais amplo de reprodução de discursos que posicionam o corpo negro como objeto de entretenimento e consumo.

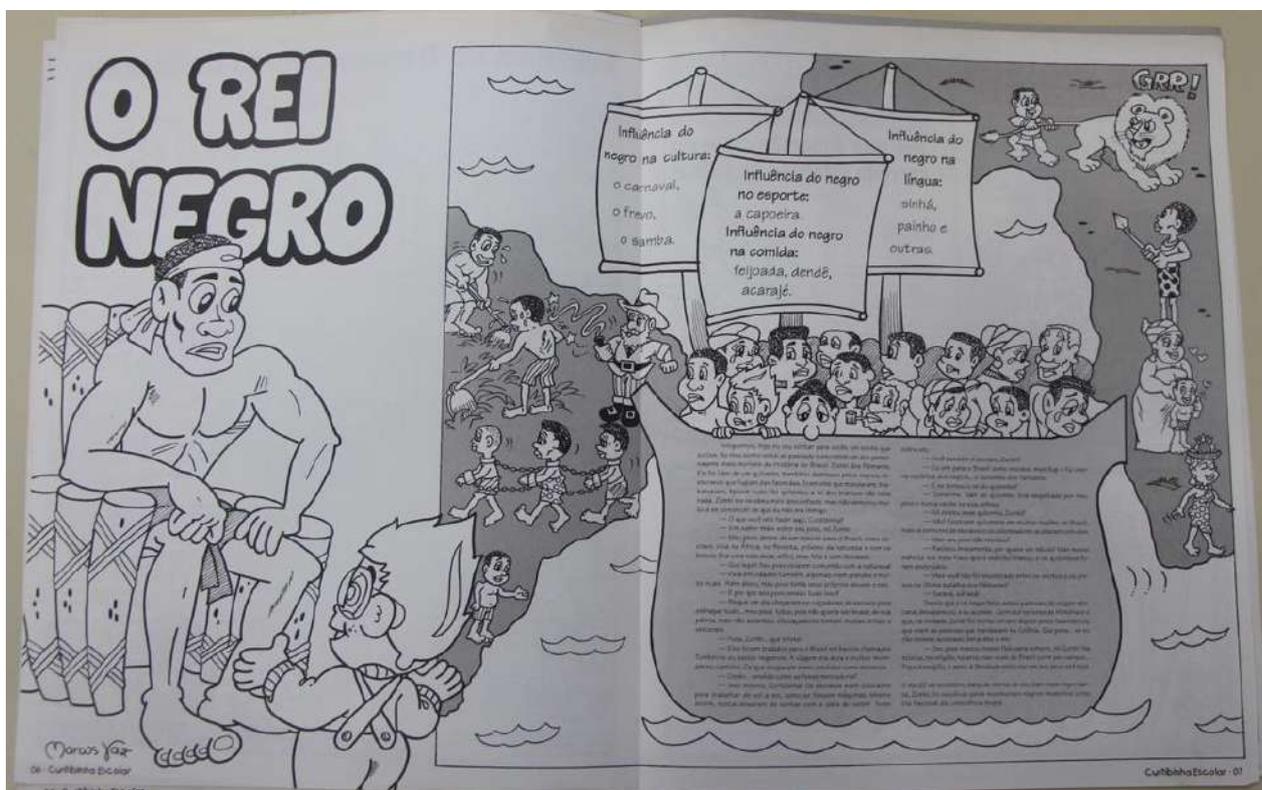
A teoria crítica racial, proposta por Ladson-Billings e Tate (1995), também ajuda a analisar e compreender como as representações visuais em materiais educacionais contribuem para a reprodução do racismo estrutural. Segundo os autores, a educação não é neutra e as representações que encontramos em materiais didáticos refletem e reforçam desigualdades raciais. A capa, embora voltada para crianças, participa desse processo ao não oferecer uma representação digna e complexa da história afro-brasileira. Ao caricaturar Zumbi dos Palmares e outros personagens negros, o material contribui para a normalização de estereótipos raciais, limitando as possibilidades de crianças negras se verem representadas de forma positiva e complexa. Além disso, crianças brancas que consomem esse tipo de material podem interiorizar imagens estereotipadas e superficiais de seus colegas negros, perpetuando dinâmicas de exclusão e inferiorização racial no ambiente escolar.

No que tange à análise iconográfica, Panofsky (1991) sugere que a análise de imagens deve considerar não apenas os elementos visuais imediatos, mas também os significados simbólicos e culturais subjacentes. No caso da capa do jornal, o nível mais superficial revela uma celebração da cultura negra, com personagens envoltos em trajes coloridos e dançando em uma festa. Entretanto uma análise mais profunda revela uma série de simbolismos que reforçam estereótipos raciais e reduzem a complexidade da cultura afro-brasileira a um espetáculo visual exótico. A escolha de retratar Zumbi de forma exagerada e

infantilizada é uma maneira de controlar e pacificar a sua figura, transformando-o de um líder revolucionário em uma figura lúdica e inofensiva.

Ainda sobre o assunto, Rose (2016) propõe que as imagens visuais não apenas representam o mundo, posto que constroem significados e narrativas sobre ele. A capa do Curitibinha constrói uma narrativa específica sobre a identidade negra, sendo a cultura afro-brasileira associada principalmente a aspectos lúdicos e festivos, como dança, carnaval e futebol. Essa construção narrativa tem implicações deletérias, pois invisibiliza outras dimensões da experiência negra, como a luta contra o racismo e a resistência histórica. A abordagem de Rose enfatiza a importância de questionar as escolhas visuais e as ausências nas representações, destacando o que é silenciado e excluído da narrativa visual.

Figura 2 – Miolo do jornal: “O rei negro”



Fonte: Jornal Curitibinha Escolar, novembro de 1996.

A análise iconográfica da Figura 2 tem o intuito de conectar as formas visuais a temas ou conceitos culturais e históricos. Rose (2016) sugere que é nesse ponto que se deve considerar o contexto social e histórico, no qual a imagem foi criada, e, sobretudo, os símbolos culturalmente estabelecidos que podem estar embutidos no material visual.

A imagem, destinada ao público infantil, apresenta a figura de um “rei negro”, Zumbi, representada de maneira caricatural, reforçando estereótipos físicos associados a homens negros, como a musculatura exagerada e os traços faciais exagerados. Não obstante ele seja retratado como um “rei”, sua expressão é de passividade, o que contrasta com a ideia de liderança e resistência que seria esperada de uma figura

histórica como Zumbi dos Palmares, um ícone da luta contra a escravidão no Brasil. em vez disso, ele parece apático, como se não tivesse agência própria, reforçando um estereótipo colonial.

O título “O Rei Negro” é problemático, pois reduz a complexidade da resistência negra à escravidão a uma visão simplificada e quase infantilizada de uma figura tão importante para a história brasileira. Isso reflete uma estratégia comum na cultura visual, na qual personagens negros são apresentados de forma exagerada e simplista, promovendo a ideia de que a relevância dos negros na história é secundária ou decorativa – esse tipo de representação visual reforça hierarquias raciais historicamente estabelecidas.

A representação das “contribuições” da população negra para a cultura brasileira, que estão organizadas nas velas do navio negreiro ao fundo da imagem, também sugere um distanciamento das questões políticas e históricas que marcaram a presença negra no país. A capoeira, o samba e a feijoada, por exemplo, são destacadas como influências culturais, mas essa escolha ignora a resistência negra e as lutas políticas de figuras como Zumbi dos Palmares, entre outros, que foram fundamentais na luta pela liberdade e justiça. Essa abordagem despolitizada das contribuições culturais negras reflete o processo de exotização, no qual a cultura negra é celebrada de maneira superficial, sem o devido reconhecimento das dinâmicas de poder que a cercam.

Ao fundo, os corpos acorrentados na figura que simboliza o Brasil e a figura da criança puxando o rabo do leão, na que simboliza o continente africano, trazem uma visão estereotipada dos negros na África e uma representação da passividade deles no Brasil, conformados com a escravidão. Essa neutralização dos elementos de resistência é um exemplo clássico do que Rose chama de “códigos visuais”, nos quais os elementos históricos são representados de maneira inócua, sem confrontar o espectador com as realidades violentas da escravidão e do racismo.

Outro ponto importante é a reduzida representação de mulheres negras na imagem, um apagamento que é significativo, uma vez que figuras como Dandara dos Palmares desempenharam papel crucial na luta contra a escravidão. A invisibilidade das mulheres negras não é apenas uma falha, mas uma prática recorrente em representações visuais, em que a história negra é dominada por figuras masculinas, ao mesmo tempo que subestima a contribuição das mulheres negras na formação da sociedade.

Rose (2016) argumenta que imagens como essa operam seguindo um raciocínio de “regimes de verdade” que naturalizam certas narrativas históricas, enquanto silenciam outras. No caso da imagem em questão, o regime de verdade predominante é o da supremacia branca, que enaltece a cultura negra apenas em seus aspectos folclóricos, ao mesmo tempo que apaga as narrativas de violência, resistência e emancipação. A iconologia da imagem revela uma tentativa de controlar a narrativa histórica, de modo que a escravidão e a resistência negra sejam vistas de maneira inofensiva e despolitizada.

Além disso, a falta de crítica ao colonialismo e à escravidão, juntamente com a apresentação de uma versão domesticada da história negra, é um reflexo da perpetuação do racismo estrutural na educação brasileira. Ao promover uma visão limitada e estereotipada dos negros, a imagem reforça as hierarquias raciais e sociais que continuam a marginalizar as populações negras no Brasil.

A narrativa proposta pelo texto “O Rei Negro” sugere um olhar superficial e folclorizado da figura do negro e de suas contribuições para a cultura brasileira. Isso está em consonância com a crítica de Fanon (2008), que aborda o racismo como um fenômeno que opera no nível simbólico, utilizando representações estereotipadas para subjugar e inferiorizar a população negra. Segundo o autor (2008), as representações construídas pelo colonialismo têm como objetivo principal manter a hegemonia do poder branco, ao projetar imagens que reforçam a inferioridade e a submissão dos colonizados.

O texto, ao destacar aspectos culturais como o samba, o carnaval e a capoeira como “contribuições” da população negra, desvia o foco das lutas históricas, da resistência e da violência sofrida pela população negra durante séculos de escravidão e colonização. Em outras palavras, ele perpetua a lógica colonialista descrita por Fanon (2008), na qual as contribuições culturais negras são apropriadas e neutralizadas em um discurso dominante que não questiona as estruturas de poder subjacentes. Esse processo de apropriação despolitizada dos elementos culturais negros é um mecanismo de manutenção do racismo estrutural, na medida em que permite que a presença negra seja tolerada, desde que enquadrada nos limites estabelecidos pela hegemonia branca.

Stuart Hall (2014) complementa essa crítica ao afirmar que a identidade cultural é uma construção contínua, moldada por práticas discursivas e representações simbólicas que reforçam as hierarquias raciais. O texto “O Rei Negro”, ao não problematizar as condições históricas da escravidão e do racismo, atua conforme uma lógica de exotização e simplificação da história negra, negando a complexidade das identidades afro-brasileiras e, ao mesmo tempo, mantendo intacta a narrativa de superioridade branca.

Gomes (2017) discute como a história da educação no Brasil muitas vezes silencia a resistência negra em nome de uma narrativa conciliatória que celebra a mestiçagem como um ideal de harmonia racial. Porém, por outro lado, consoante a autora, essa narrativa ignora as assimetrias de poder que continuam a afetar as populações negras, ao não reconhecer adequadamente sua história de luta. O texto “O Rei Negro” enquadra-se nessa lógica ao representar a presença negra na história brasileira apenas mediante suas “contribuições” culturais, mas nunca por meio de sua resistência ou agência política.

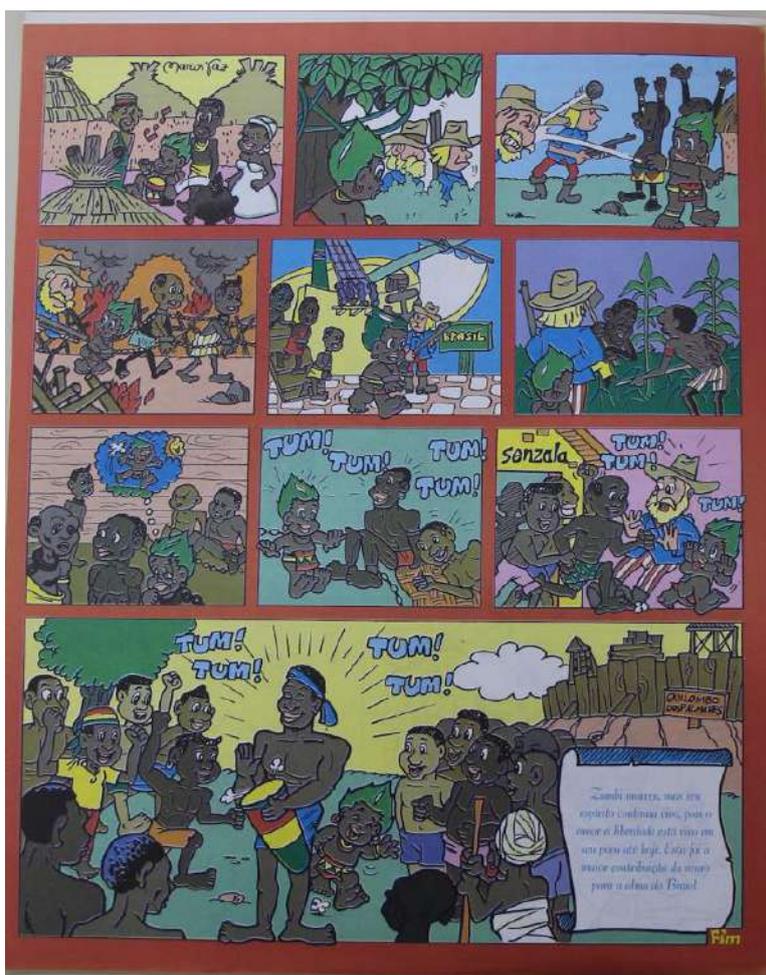
A produção de materiais didáticos, como o texto “O Rei Negro”, está intimamente ligada à formação de subjetividades e à reprodução das estruturas de poder que sustentam o racismo estrutural no Brasil. Como sugere Gonzalez (2020), o racismo no Brasil opera de maneira velada, disfarçado por um discurso de democracia racial que camufla as profundas desigualdades entre brancos e negros. Essa dinâmica é evidente no texto analisado, que utiliza uma linguagem aparentemente inocente e educativa para perpetuar uma visão estereotipada e limitada da contribuição negra para a sociedade.

Gonzalez (2020), ao discutir o racismo e o sexismo na cultura brasileira, aponta como a negação da subjetividade negra é uma estratégia central do projeto colonial. Por intermédio da construção de discursos que minimizam ou apagam o papel histórico da população negra, como ocorre no texto, a educação formal brasileira contribui para a perpetuação das hierarquias raciais e de gênero. O texto é, nesse sentido, um

exemplo de como o conhecimento escolar é produzido levando em consideração um regime de poder que favorece a hegemonia branca, ao mesmo tempo que marginaliza e desumaniza a população negra.

Ao se referir à população negra apenas como produtores de cultura, e nunca como atores políticos ou agentes históricos de mudança, o texto desconsidera a complexidade das identidades afro-brasileiras e reforça um discurso que desumaniza. A educação, como arena de construção de conhecimento, torna-se assim um campo de batalha ideológico no qual as identidades negras são moldadas para servir a uma narrativa colonialista e racista.

Figura 3 – Tirinha do Jornal Curitibinha Escolar



Fonte: Jornal Curitibinha Escolar, novembro de 1996.

No nível pré-iconográfico, Panofsky (1991) propõe observar os elementos básicos da imagem: cores, formas e personagens. A tirinha (Figura 3) apresenta várias cenas que, sequencialmente, narram a trajetória de Zumbi dos Palmares e a experiência da população negra no Brasil, desde o momento em que são retratados na África, sua captura e escravização, até a formação do Quilombo dos Palmares, sendo Zumbi retratado como um símbolo de resistência.

As cores predominantes são quentes e vibrantes, sugerindo um ambiente tropical, mas também há um uso contrastante das cores escuras para representar os personagens negros. A representação gráfica da

população negra na tirinha é simplificada, com traços caricatos, o que pode contribuir para a exotização e estereotipização das figuras afro-brasileiras. O uso dessas cores e formas visuais não é neutro, sendo parte integrante do processo de significação que reforça certas ideologias raciais.

Os personagens são retratados em uma série de atividades que remetem ao contexto da escravidão e da luta por liberdade. Na parte final da tirinha, Zumbi aparece como uma figura festiva, musculosa, usando pouca roupa, cercado por outros personagens negros em uma espécie de celebração. O texto finaliza afirmando que Zumbi morreu, mas seu espírito de luta pela liberdade continua vivo, sugerindo que a maior contribuição da população negra para o Brasil é a luta pela liberdade. Esse tipo de representação, como propõe Fanon (2008), é problemática porque reduz a luta histórica dos negros a uma expressão cultural exótica, ignorando a profundidade e a complexidade da resistência política.

No segundo nível de análise, a iconografia, Panofsky (1991) sugere que identifiquemos os temas e conceitos representados. A tirinha recorre a uma série de estereótipos visuais comuns na representação dos negros: o homem negro é frequentemente mostrado como um indivíduo musculoso, com características faciais exageradas, enquanto as mulheres negras aparecem em papéis subalternos ou maternalistas.

Essa representação visual da população negra é problematizada por teóricos como Stuart Hall (2014), que discute como o estereótipo visual negro está enraizado na história colonial e serve para reafirmar hierarquias raciais. A estética da tirinha, ao recorrer a caricaturas, contribui para uma visão exotizada e desumanizada dos personagens negros, cujas lutas e resistências são minimizadas ou tratadas de maneira secundária. O contexto histórico da escravidão, por exemplo, é abordado de forma superficial, com os personagens negros sendo mostrados como vítimas passivas de uma situação imposta por personagens brancos que exercem poder.

Além disso, há um apagamento da violência brutal da escravidão. A cena em que os personagens negros são acorrentados e trazidos para o Brasil apresenta a escravidão de forma bastante simplificada e suavizada. A ausência de elementos que destacam o sofrimento real e o impacto da escravidão, como tortura, assassinato e desumanização, reforça uma visão abrandada da escravidão, o que é um exemplo de revisionismo histórico. Isso se alinha à crítica de Gomes (2017) sobre como a educação brasileira trata a história do negro, suavizando aspectos fundamentais para a compreensão do racismo.

Na análise iconológica, o terceiro nível de Panofsky (1991), examinamos as significações mais profundas que a imagem evoca no contexto social e histórico em que foi produzida. A representação de Zumbi dos Palmares na tirinha é simbólica de uma tentativa de reconciliação superficial entre a narrativa da escravidão e a ideia da “contribuição” da população negra para a cultura brasileira. No entanto, ao retratar Zumbi como uma figura festiva e omitir sua importância como líder militar e revolucionário, a tirinha participa de um processo de apagamento histórico da resistência negra.

Gonzalez (2020), em suas discussões sobre racismo e sexismo na cultura brasileira, enfatiza como a folclorização das figuras negras é uma forma de controle social, em que a cultura negra é celebrada,

enquanto suas lutas são ignoradas. Isso está presente na última cena da tirinha, em que Zumbi aparece como uma figura de celebração, e não como o líder revolucionário que foi.

A mensagem textual final da tirinha, que Zumbi morreu, mas seu espírito continua vivo por meio da luta pela liberdade, é igualmente problemática. Embora pareça prestar homenagem a Zumbi, o texto simplifica sua contribuição, relegando-a a uma abstração moral, sem se aprofundar nas complexas dinâmicas históricas que levaram à criação dos quilombos como formas de resistência ativa contra a violência colonial. A resistência da população negra é, assim, tratada de maneira apolítica, desprovida de suas implicações de luta contra o poder branco.

Essa abordagem também se alinha ao que Fanon (2008) denomina de “racialização pacífica”, em que a resistência da população negra é neutralizada, permitindo que a narrativa dominante continue sem questionamentos sobre a violência estrutural e as dinâmicas de poder que moldaram a história brasileira.

A tirinha analisada é um exemplo de como a educação formal pode reforçar narrativas colonialistas e racistas. Ao utilizar figuras históricas negras de maneira superficial e estereotipada, o material contribui para a perpetuação de uma visão limitada e distorcida da história dos negros no Brasil. Como sugere Gomes (2017), a educação no Brasil muitas vezes falha ao não reconhecer e não valorizar a resistência da população negra de forma adequada, optando por narrativas que neutralizam o impacto histórico das lutas afro-brasileiras.

Ademais, há outro aspecto que deve ser problematizado: a representação do personagem Curitibinha – que é branco, de olhos azuis – como um menino negro – como os africanos – e de lábios grossos, usando um tapa sexo colorido com supostos motivos africanos. A descaracterização do personagem, tão estereotipado na narrativa, até mesmo mostrando certo protagonismo na luta contra a escravidão, apenas contribui para o apagamento dos negros como protagonistas de sua história e lutas.

CONCLUSÕES

A análise da representação de Zumbi dos Palmares no Jornal Curitibinha Escolar revela como essas imagens carregam implicações ideológicas e reproduzem estereótipos raciais que despolitizam figuras negras históricas. Embora o intuito aparente seja celebrar a contribuição da população negra para a formação da cultura brasileira, essas representações frequentemente reforçam uma visão simplificada e estereotipada da história, apagando a complexidade das lutas pela liberdade e igualdade racial no Brasil.

A análise das imagens requer a consideração de sua produção, circulação e recepção, bem como a interpretação dos significados que são transmitidos e o meio sociocultural em que estão circulando. No caso do jornal, a representação de Zumbi dos Palmares e das personagens negras em geral não pode ser separada do contexto histórico e ideológico em que essas imagens foram criadas. Há uma exotização do corpo negro e uma caricaturização de Zumbi, o que simplifica sua importância histórica como líder quilombola e figura de resistência. Esse tipo de representação acontece em um contexto cultural que considera Curitiba uma cidade branca, apesar da presença de negros entre a população. Esse apagamento

no material didático é evidente ao perceber que ao longo de seis anos de jornal essa foi a única edição a tratar do assunto.

Essa despolitização de Zumbi mostra que as representações culturais são arenas de luta pelo poder, destacando como a cultura opera como um campo em que significados são constantemente disputados e as representações de grupos historicamente marginalizados, como os negros, são moldadas por forças de dominação e resistência. No caso da tirinha, a imagem de Zumbi não é neutra, mas sim o resultado de uma disputa por significado em que a história negra é suavizada para torná-la mais aceitável no contexto da educação infantil. Em vez de um líder revolucionário, Zumbi é retratado como uma figura folclórica, o que contribui para a manutenção de um discurso que obscurece a resistência da população negra e reforça uma visão estereotipada da cultura afro-brasileira.

É importante compreender como as representações de figuras negras podem perpetuar desigualdades e que o racismo não é apenas uma questão de discriminação explícita, mas também de como as imagens e narrativas sobre grupos minorizados são moldadas e controladas. A caricaturização de Zumbi e a redução de sua história a uma contribuição cultural sem contexto político é uma forma de perpetuação do racismo simbólico, reforçando a ideia de que a resistência e as lutas dos negros são apagadas em favor de uma narrativa que os posiciona como contribuintes menos importantes da cultura brasileira. Isso destaca uma educação que não questiona a fundo as estruturas de poder que continuam a marginalizar as populações negras.

Por outro lado, uma educação culturalmente relevante deve propor que o currículo seja estruturado para refletir as experiências e as lutas dos grupos marginalizados. A educação deve incluir narrativas que valorizem a complexidade das histórias negras, em vez de simplificá-las ou folclorizá-las. O material didático analisado falha nesse sentido, ao apresentar Zumbi e a cultura afro-brasileira de maneira descontextualizada e acrítica. Em vez de promover uma compreensão profunda da resistência negra, reforça uma visão que relativiza as lutas históricas, transformando-as em um espetáculo visual sem profundidade.

Analisar como essas representações se deram ao longo da história da educação brasileira é importante para que os erros do passado não se repitam. A representação de Zumbi nesse jornal é um exemplo de como o conhecimento sobre a história negra é sistematicamente esvaziado de suas dimensões políticas e de resistência. A imagem corrobora o estereótipo de que a contribuição dos negros se limita a elementos culturais, como a música e a dança, ignorando o papel central dos quilombos e da resistência armada na luta contra a escravidão.

Por fim, a análise crítica dessa tirinha revela a necessidade de reformulação nas representações visuais e textuais de figuras negras nos materiais didáticos brasileiros. É mister adotar uma abordagem que leve em conta a complexidade da história afro-brasileira e o papel da resistência negra na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A educação, como apontam os autores analisados, é um campo de disputa ideológica; sendo assim, a forma como figuras como Zumbi dos Palmares são representadas pode

por em evidência narrativas de opressão ou contribuir para a emancipação e o reconhecimento pleno das populações negras no Brasil.

Portanto, para promover uma educação antirracista e equitativa, é essencial revisar criticamente os materiais didáticos e garantir que as representações de figuras negras reflitam a complexidade de suas histórias e lutas. Somente mediante uma pedagogia que valorize a diversidade e confronte diretamente o racismo simbólico e estrutural será possível avançar para uma sociedade mais inclusiva e justa.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rosineide Brazilino de; COUTINHO, Diógenes José Gusmão. Análise da representação de negros em livros didáticos de história do 1 ao 5 ano. **Brasílian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 9570-9575, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n2-316>.

CARMAGNANI, Anna Maria Grammatico. Ensino apostilado e a venda de novas ilusões. *In*: CORACINI, Maria José (org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. Campinas: Pontes, 1999. p. 45-55.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, set./dez., p. 549-566, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022004000300012>. Disponível em: <https://www.scielo.br/i/ep/a/GNrkGpgQnmdcxwKQ4VDTgNQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 maio 2023.

CUNHA, Walneia Soraia Nascimento da; SILVA, Ramon Oliveira da; MATOS, Ramily Maciel; SILVA, Thiago Sousa da; CORRÊA, Paulo Sérgio de Almeida. Os negros e sua representatividade no livro e currículo escolar. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, VII., Maceió, 2020. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/016146819509700104>. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/69236>. Acesso em: 17 ago. 2024.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

FRACALANZA, Hilário; MEGID NETO, Jorge (org.). **O livro didático de ciências no Brasil**. Campinas: Komedi, 2006.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2014.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2023.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

JORNAL CURITIBINHA ESCOLAR. Curitiba: Secretaria Municipal de Educação, 1994-2000.

LADSON-BILLINGS, Gloria; TATE, William F. Tate. Toward a Critical Race Theory of Education. **Teachers College Record**, New York, v. 97, n. 1, p. 47-68, 1995. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/016146819509700104>. Acesso em: 23 ago. 2024.

LIMA,IVALDO MARCIANO DE FRANÇA. **Representações da África no Brasil: novas interpretações**. Recife: Bagaço, 2018.

MACENA, Elizabeth Vieira. A representação do negro no livro didático de história da coleção projeto Araribá. *In: II SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA*. 2., 2017. Dourados. **Anais [...]**. Dourados: UEMS, 2017. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/seminarioformacaodocente/article/view/4210>. Acesso em: 18 ago. 2024.

MARQUES, Ana Carolina dos Santos; FONSECA, Ricardo Lopes. A representatividade da população negra na coleção de livros didáticos “Ser protagonista – Geografia – Ensino Médio” – PNLD 2018. **Contexto & Educação**, Ijuí, v. 36, n. 115, p. 28-43, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2021.115.8027>. Disponível em: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/8027>. Acesso em: 10 ago. 2024.

MENDES, Mírian Lúcia Brandão; PEREIRA, Jean Carlos Rocha. A representação do negro nos manuais didáticos de história e sua produção identitária. **Revista da ABPN**, Curitiba, v. 13, n. 37, p. 329-343, 2021. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1174>. Acesso em: 9 ago. 2024.

MORAES, Didier Dominique Cerqueira Dias de. **Visualidade do livro didático no Brasil: o design de capas e sua renovação nas décadas de 1970 e 1980**. 2010. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MUDIMBE, Valentin-Yves. **A ideia de África**. Petrópolis: Vozes, 2023.

MUDIMBE, Valentin-Yves V. Y. **A invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2019.

NAKAMOTO, Pérsio. **A configuração gráfica do livro didático: um espaço pleno de significados**. 2010. 127 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

RESENDE, Rodrigo Castro. Os discursos sobre África e a identidade negada no Brasil: o papel da União Africana na constituição de um continente. **Revista África[s]**, Alagoinhas, v. 9, p. 11-47, 2022. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/africanas/article/view/16200>. Acesso em: 5 ago. 2024.

RIBEIRO, Cacildo Galdino; NASCIMENTO, Juscelino Francisco do; BATISTA, Natan César. Representação social do negro em um livro didático de língua portuguesa do 5º ano do ensino fundamental. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, v. 41, n. 87, p. 49-61, 2023. DOI: <https://doi.org/10.34112/2317-0972a2023v41n87p49-61>. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/994>. Acesso em: 5 ago. 2024.

ROSE, Gillian. **Visual methodologies: an introduction to researching with visual materials**. Londres: Sage, 2016.

SILVA, Ilca Guimarães; SANTOS, Oton Magno Santana dos. Representação do negro: considerações sobre o PNLD 2021. **Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 17, n. 1, p. 219-230, 2023. DOI: <https://doi.org/10.35499/tl.v17i1.16039>. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/16039>. Acesso em: 01 ago. 2024.

SOUZA, Deusa Maria de. Livro didático: arma pedagógica?. *In: CORACINI, Maria José (org.). Interpretação, autoria e legitimação do livro didático*. Campinas: Pontes, 1999. p. 93-104.

Submetido: 04/12/2024
Correções: 28/02/2024
Aceite Final: 30/03/2024